

COTIDIANIDADE LIMITES E POSSIBILIDADES NA AÇÃO DO PEDAGOGO

THE QUOTIDIAN, LIMITS AND POSSIBILITIES OF THE PEDAGOGUE'S
ACTION

Liliani Hermes Cordeiro Schvarz¹
Universidade Estadual do Centro-Oeste

RESUMO

Este estudo traz considerações sobre a ação do pedagogo na cotidianidade como categoria de uma totalidade configurada pelas relações sociais e pela apropriação das objetivações humano-genéricas essenciais à vida do homem. Trata-se de uma reflexão sobre as limitações impostas pela cotidianidade, em que se visualizam as possibilidades de os sujeitos agirem no terreno de oposição aos imperativos da cotidianidade, numa perspectiva de mudança e de revolução propostas pela tomada de consciência dos sujeitos, cuja intenção se transforme a partir do rompimento com ações cotidianas que refletem meramente sobre reprodução e alienação. É um estudo de caráter bibliográfico, cujos achados teóricos se constituem como um ensaio introdutório de uma pesquisa de Mestrado em Educação sobre a ação do pedagogo na esfera da cotidianidade.

Palavras-chave: Educação. Conhecimento. Cotidianidade. Alienação.

1 INTRODUÇÃO

A cotidianidade é o cenário das relações sociais que dão formato à vida dos sujeitos inseridos nela. Para refletir sobre sua ação no cotidiano, é importante e necessário identificar alguns dos elementos que permeiam esse movimento e conduzem à compreensão do processo, como a alienação, a produção do conhecimento e da existência e a reprodução.

Este estudo aborda, primeiramente, as interfaces da cotidianidade como categoria de uma totalidade configurada pelas relações sociais em que os sujeitos produzem e reproduzem o mundo, interferindo nele e intervindo na realidade, a fim de encontrar significados e respostas, elaborar conceitos e rever princípios que norteiam a vida cotidianamente. O homem da cotidianidade, como agente ativo de mudança, é feito no cotidiano fazendo o cotidiano, enquanto produz sua existência e vive em sociedade.

Na complexidade do contexto social, o homem transita na cotidianidade consciente ou alienadamente. Inserido na vida cotidiana desde o nascimento, o sujeito

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Especialização em Gestão Educacional. Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: lilianihcordeiro@gmail.com

espontaneamente apreende a realidade e suas conexões enquanto assume determinada postura diante da realidade apresentada e “pronta”. Pode-se dizer, então, que a maioria dos sujeitos enquadra-se na cotidianidade, reproduzindo comportamentos e aderindo naturalmente às convenções já estabelecidas. Na sequência, o texto discute sobre a ação do pedagogo na cotidianidade. A abordagem é sobre a intervenção do pedagogo no processo educativo apenas intuitivamente, usando seu conhecimento tácito ou aplicando seu conhecimento teórico-metodológico.

Os limites e as possibilidades de agir na cotidianidade estão relacionados às concepções e às expectativas sobre o mundo e sobre o próprio homem, as quais direcionam as ações do sujeito para que possam criar as condições de existência no processo histórico. Tal intervenção os situa na realidade como modificadora da vida ou como agente passivo. Nos limites da cotidianidade, o homem apropria-se das objetivações humanas genéricas, essenciais à sua vida. No entanto, a partir dos limites, pode ser capaz de assumir o controle de sua evolução criando possibilidades de agir na luta para superar uma cotidianidade meramente fundada na reprodução ou na imitação.

Dadas as condições do homem como ser humano-genérico e particular, ele não existe fora da cotidianidade. A partir da genericidade humana, o homem desenvolve-se como ser particular, ou seja, de posse das objetivações genéricas, e a partir delas poderá intervir na realidade num movimento contínuo de transformação e mudança.

II AS INTERFACES DA COTIDIANIDADE

Ninguém vive fora da cotidianidade. Ao nascer nela, o homem é inserido no mundo de uma realidade “pronta” e, gradativamente, acomoda-se a ela, na medida em que se desenvolve vivendo objetivamente no grupo social a que pertence, adequa-se à configuração social do grupo e aprende a satisfazer às suas necessidades, que também são criadas socialmente. Assim, entendemos, como Heller (2008, p. 33) que

[...] o homem já nasce inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

A vida cotidiana requer que os sujeitos assimilem procedimentos condizentes com o formato social dado a ela. Cotidianidade é o movimento que se dá nas interações sociais nos diferentes eventos da vida cotidiana, seja no trabalho, no lazer ou nas

relações sociais de maneira geral. Para Veiga (1996, p. 56), “[...] a relação do homem com a cotidianidade é direta, propiciando um processo de amadurecimento do indivíduo, que se reproduz diretamente como indivíduo e indiretamente como membro de um complexo social [...]”.

É no cotidiano que o homem se faz, interferindo, experimentando, propondo, participando, relacionando-se e se desenvolvendo num movimento de continuidade, descontinuidade, criação e recriação. Kosik (2002, p. 28) afirma que “[...] o homem só conhece a realidade na medida em que ele cria a realidade humana e se comporta antes de tudo como ser prático [...]”. É na reprodução espiritual e intelectual que os sujeitos dimensionam a ação em torno da realidade vivida, experimentada na complexidade e nas contradições de uma cotidianidade que se faz no momento e na rotina, como apropriação do mundo pelo homem ao conhecê-lo. E conhecê-lo implica mais do que contemplá-lo meramente e percebê-lo imediatamente, desconsiderando suas virtualidades e negando sua objetividade. Assim,

[...] não é possível compreender imediatamente a estrutura da coisa ou a coisa em si mediante a contemplação ou a mera reflexão, mas sim mediante uma determinada atividade. Não é possível penetrar “na coisa em si” responder à pergunta – que coisa é a “coisa em si”? – sem a análise da atividade mediante a qual ela é compreendida; ao mesmo tempo, essa análise deve incluir também o problema da criação da atividade que estabelece o acesso à “coisa em si”. Essas atividades são os vários aspectos ou modos da apropriação do mundo pelos homens. (KOSIK, 2002, p. 28)

Na organicidade da vida cotidiana, os sujeitos podem inserir-se como agentes ativos, criativos ou como sujeitos passivos, reprodutores de uma cultura dada pré-estabelecida. E embora essa preexistência não seja um elemento determinante na ação dos sujeitos, contribui para manter paradigmas e paralisa a ação modificadora pela passividade e pela acomodação aos modelos comportamentais vigentes.

Assim, quando as ações, no cotidiano, não percebidas ou interpretadas pela lente da reflexão, podem cristalizar o pensar sobre o agir e permanecer no campo do desejável, da intenção, distante de uma ação efetiva. É quando o sujeito reconhece a importância de uma ação que provoque mudança e rompimento de protocolos imobilizadores, mas não se posiciona de acordo com suas concepções e sucumbe diante das imposições da realidade. Pode-se entender esse processo como uma totalidade de fenômenos interdependentes, que se manifestam na atividade e na inatividade. Na atividade, é promovido pelas necessidades cotidianas requeridas pela realidade e suas

proposições, ou seja, a atividade como movimento próprio do cotidiano e suas implicações. Mas, na inatividade, pela reprodução e alienação dos sujeitos inseridos na mera repetição de ações que só se manifestam como rotina. As ações cotidianas e convencionais, como assimilação das relações sociais, submetem os sujeitos a uma expressiva adequação social, talvez necessária para que o homem amadureça, no entanto, essa adequação não é suficiente para garantir o desenvolvimento de sua capacidade de se mover autonomamente no ambiente social, tampouco mover o próprio ambiente. Na cotidianidade dos diferentes segmentos da vida, os determinantes sociais da ação dos sujeitos estão relacionados ao indivíduo como ser humano-genérico e particular, uma vez que,

[...] como indivíduo, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) – bem como, frequentemente, várias integrações – cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua “consciência de nós” (HELLER, 2008, p. 36).

Sobre o particular, Heller (2008) afirma que “[...] não é nem o sentimento nem a paixão, mas sim, o modo de manifestar-se, referido ao eu e colocação a serviço da satisfação das necessidades e da teleologia do indivíduo [...]”. A individualidade contém a genericidade e a particularidade, elementos que configuram as ações do homem na heterogeneidade e na hierarquia da cotidianidade.

A atuação cotidiana dos sujeitos concentrada nos imperativos sociais se movimenta em torno da espontaneidade, ou seja, as ações são espontaneamente desenvolvidas, e o sujeito deixa-se levar pelos contornos previstos agindo de forma automática e sem refletir, tendo em vista que

[...] os homens produzem a linguagem, os objetos, os usos e costumes de uma forma “natural”, “espontânea”, isto é, através de processos que não exigem a reflexão sobre a origem e sobre o significado dessas objetivações. Esse significado é dado naturalmente pelo contexto social. O mesmo não pode se dar com as objetivações genéricas parasi. Por exemplo, os homens precisam refletir sobre o significado dos conhecimentos científicos para poderem produzir e reproduzir a ciência. (DUARTE, 2007, p. 33)

Assim, infere-se que, embora os significados dados pelo contexto social insiram o sujeito em tal contexto, na cotidianidade, outros significados são necessários para que, efetivamente, a vida não seja somente estruturada pelo simples ato de ser humano

condicionado às determinações de um desenvolvimento espontâneo e homogêneo, mas também que o sujeito vá além da cotidianidade, ao criar o novo e produzir a si mesmo, o que significa dizer que o potencial humano está ligado à capacidade inventiva e criadora em um processo por meio do qual a Ciência supere a cotidianidade. A produção e a reprodução da Ciência e das objetivações não cotidianas é que transformam o sujeito da cotidianidade espontânea não no sujeito do não cotidiano, mas da invenção, da criação, da descoberta, por meio da ação no mundo e sobre o mundo a ser descoberto e redescoberto pelo conhecimento acima do senso comum e da rotatividade de ações repetidas ou meramente reproduzidas no tempo e no espaço.

Os significados que dão forma à cotidianidade, além da mera representação da realidade, exigem conhecimentos apurados, aprofundados e a instauração de relações entre os fenômenos já existentes com aqueles que vão sendo produzidos ao longo da vivência dos sujeitos e de sua força como sociedade, buscando certezas, aumentando dúvidas e interrogações acerca do mundo e do homem, fazendo e refazendo o cotidiano da vida num processo ininterrupto de conhecimento. Para Costa (1990, p. 141), “[...] o homem poderá apreender-se a si próprio como ser inteligente e criador e relacionar-se com a totalidade do mundo [...]”; “[...] o homem só conhece a coisa em si ao transformá-la como coisa para si pela práxis [...]” Portanto, conhecer além da cotidianidade é ir além da constatação do que já existe, e isso pode ser reproduzido, passiva e alienadamente, pelo engessamento dos sujeitos. A ação acima da cotidianidade pode ser traduzida pela interpretação de uma realidade dada, mas, a partir dela, projetar novos elementos que correspondam à necessidade de criar, de inventar ou de reconstruir valores, ideias e conceitos a serviço da vida dos sujeitos, cuja integração entre si, por meio das relações sociais, seja promovida nos diversos espaços e por sua liberdade de se movimentar na realidade a que pertencem, a fim de superar a alienação. É importante observar que, em se tratando do formato e contornos da vida cotidiana,

[...] não há vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismo, ultrageneralização, mimese e entonação. Mas as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se cristalizar em absolutos, mas têm de deixar ao indivíduo uma margem de movimento e possibilidades de explicitação. [...] Se essas formas se absolutizam, deixando de possibilitar uma margem de movimento, encontramos-nos diante da alienação da vida cotidiana. (HELLER, 2008, p. 56)

A margem de movimento e as possibilidades de explicitar oportunizam a ação consciente como mediadora entre o homem e o mundo. A ação consciente é a comunicação entre o homem e o mundo que ele mesmo faz no cotidiano, como sujeito da história que, mesmo por meio da imitação e da reprodução, pode gerir suas ações e intervenções na realidade com autonomia e percepção dos fenômenos que permeiam seu mundo nas diferentes esferas da cotidianidade, cujo formato gera alienação. Sobre isso, Heller (2008, p. 57) afirma que “[...] a vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta à alienação [...]”, visto que o eco da cotidianidade insiste em convencer sobre a repetição, a homogeneidade e a base fragmentária da vida cotidiana, isto é, a manutenção dos mesmos gestos, dos mesmos espaços já percorridos, das coisas como estão e que são dadas como certas, prontas, como “[...] é assim que deve ser [...]”, num processo em que o sujeito, além de coisificado, também se torna objeto de manipulação por estar envolvido no sistema do mundo pronto, das imposições do senso comum e suas representações.

[...] No cotidiano as representações nascem e para ali regressam. No cotidiano, cada coisa [...] é acompanhada de representações que mostram qual é o seu papel. A publicidade, os modelos chamados “culturais” introduzem, no cotidiano, necessidades que fazem nascer novas representações, o cotidiano se programa. (PENIN, 1995, p. 27)

Na cotidianidade, na ação do homem como sujeito social, os limites e as possibilidades se dão de acordo com suas concepções sobre o mundo onde vive, em que atua, seja de forma consciente ou alienada. Assim, infere-se que os limites colocados pela cotidianidade acontecem quando os sujeitos também são limitados por concepções fragilizadas, as quais perdem força diante das imposições dominantes e determinantes dos papéis sociais a que os sujeitos são submetidos ou acomodados. No âmbito desses limites, encontram-se as ações banalizadas e as intenções realizáveis no espaço de caráter íntimo e na familiaridade. É o agir cotidiano no perímetro do conforto e do bem-estar consciente ou inconscientemente.

[...] Gerações inteiras e milhões de pessoas viveram e vivem na cotidianidade de sua vida como em uma atmosfera natural sem que lhes ocorra à mente, nem de longe, a ideia de indagarem qual o sentido dessa cotidianidade. (KOSIK, 2002, p. 79, 80)

Assim, a falta de indagação promovida no espaço das ações cotidianas limita a ação transformadora e consciente dos sujeitos em sua cotidianidade que, embora possa ser superada em determinado tempo ou por ocasião de um rompimento eventual ou

histórico, refaz-se em um novo tempo, um novo espaço histórico com novo formato. E os homens adaptam-se à nova configuração, resignando-se na interpermutabilidade ambígua em que cada dia da cotidianidade pode ser permutado por outro dia correspondente com distinta cotidianidade própria de cada dia. Isso significa dizer que a cotidianidade é inevitável e que todos os sujeitos pertencem a algum tipo de cotidianidade e acatam seu comando sujeitando seu ritmo de vida aos limites do cotidiano organizado pela rotina habitual e mecânica, em uma mesma dinâmica de repetição, em que os sujeitos assimilam e adaptam-se à configuração sugerida ou imposta por impulso natural. A rotina exerce uma função disciplinadora dos comportamentos sociais e faz com que os sujeitos se disponham a ela, instintiva e passivamente, portanto, sem compreender a realidade como um todo estruturado, articulado por elementos de caráter histórico.

[...] O ditado popular – o homem se acostuma até com a força – significa que o homem cria para si um ritmo de vida até no ambiente menos habitual, menos natural e humano, também os campos de concentração têm a sua própria cotidianidade, e até mesmo um condenado à morte. (KOSIK, 2002, p. 81)

Na cotidianidade, os eventos prefiguram a necessidade de se acomodar à sua organização. O ajuste, a alocação e a aceitação fazem parte do conjunto de ações previstas naturalmente pelos eventos de uma cotidianidade que se configura ao longo da história de um grupo social. Assim, podemos observar que, nas interfaces da cotidianidade, é que a vida humana é construída e reconstruída continuamente. Mas é importante destacar que, também na cotidianidade, ou a partir dela, é preciso vislumbrar possibilidades de mudanças. O novo, no cotidiano, será cotidiano, se não houver outro novo.

III A AÇÃO EDUCATIVA MEDIADORA DO PEDAGOGO ENTRE O COTIDIANO E O NÃO COTIDIANO

Considerando os aspectos que configuram a cotidianidade da vida e da ação dos sujeitos, o foco desta reflexão será o trabalho do pedagogo e sua atuação diante dos desafios do processo pedagógico com que se depara em seu dia a dia. Como fenômeno, a cotidianidade, também presente no âmbito, é feita a partir das relações que acontecem nesse espaço e de acordo com a organização e o funcionamento do cotidiano escolar e suas peculiaridades.

As atribuições do pedagogo, no âmbito educacional, são historicamente permeadas por discussões polêmicas que circulam efetivamente sobre esta questão: qual é a função do pedagogo? Segundo Saviani (1985, p. 28), “[...] o pedagogo é aquele que domina sistemática e intencionalmente as formas de organização do processo cultural que se dá no interior das escolas [...]”. Portanto, entendemos que o pedagogo deve ser o articulador da organização das práticas pedagógicas e do processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de efetivar as propostas educativas pensadas por ele juntamente com os demais professores envolvidos no processo educacional cotidianamente, o que não significa dizer que as ações devem ser sempre as mesmas, resignadas a uma rotina organizada por ações previsíveis ou técnicas. A educação dos sujeitos, como um processo inacabado, demanda ações renovadas e repensadas, na medida em que as necessidades coletivas e individuais se apresentam tendo em vista a formação acadêmica e humana dos sujeitos, articulada pela cientificidade do conhecimento.

A formação escolar traz, implicitamente, em primeira mão, a ideia de uma formação científica. A escola é vista como o espaço organizado culturalmente para aquisição do conhecimento historicamente produzido e a disseminação da Ciência, pressupondo que os profissionais que dela fazem parte dominem as questões teórico-metodológicas fundamentadas pelo conhecimento específico da área em que atuam para manter a produção e construir o conhecimento sistematizado transformado em ciência. No entanto, no cotidiano escolar, as relações vão além das atividades laboratoriais voltadas para o conhecimento científico. No cenário escolar, as relações humanas são permeadas pelos conflitos, pelas influências externas da vida pessoal dos sujeitos, pela reprodução, pela normatização do processo e suas implicações, pelo formato social dado à instituição escolar e suas contradições. É nesse emaranhado que, para Duarte e Saviani (2012, p.79), “[...] os educandos, como indivíduos concretos, manifestam-se como unidade da diversidade, uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas, síntese de relações sociais[...]”.

Nesse contexto, o pedagogo transita entre as atividades funcionais, o atendimento de alunos, a indisciplina, a evasão, a substituição de professores, a mediação entre a escola e os pais, a decoração da escola para eventos, a supervisão dos livros de classe, as brigas, as dificuldades de aprendizagem etc. O cotidiano escolar, por suas características, define a rotina dos sujeitos na condução das diversas situações apresentadas num cotidiano em que

[...] raras são as pessoas que o rompem ou o suspendem, concentrando todas as suas forças em atividades que as elevem desse mesmo cotidiano e lhes permitam a sensação e a consciência do ser homem total, em plena relação com o humano e a humanidade de seu tempo. (CARVALHO e NETTO, 2012, p. 23)

A dificuldade de romper com os parâmetros do cotidiano como rotina pode estar relacionada à estabilidade gerada pelos mesmos gestos, pelos mesmos caminhos, pelos mesmos rituais. Esse engessamento pode ser confortável para o sujeito, porque adormece a consciência e automatiza a ação. E quando automatizadas, as ações se tornam também mecânicas, sem reflexão e reduzem, conseqüentemente, as possibilidades de o sujeito se desenvolver. O desenvolvimento depende de escolhas e de decisões não cotidianas, para que os sujeitos se elevem acima da cotidianidade.

[...] A vida cotidiana está carregada de alternativas, de escolhas. [...] Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana. (HELLER, 2008, p. 39)

Agir de forma não cotidiana pode ser um processo catártico e revolucionário. Catártico, ao promover no sujeito a purgação ou libertação de uma condição imposta pelas circunstâncias cotidianas e reproducentes, uma condição contraditória com sua natureza humana. Revolucionário, porque inova, transforma, provoca mudança, gera inquietação e questionamento como apelo da humanização dos indivíduos. Nesse sentido, é possível visualizar o pedagogo no contexto educacional, com suas características de sua formação voltadas para planejar, decidir, acompanhar, avaliar e coordenar de acordo com os parâmetros fundados no referencial teórico que contempla o desenvolvimento humano em suas especificidades.

O conhecimento sobre tal desenvolvimento subsidiará as decisões do pedagogo na cotidianidade e na não cotidianidade. Na cotidianidade, a intuição (ação cotidiana), baseada no conhecimento tácito, muitas vezes acaba ocupando um espaço maior em relação à Ciência (ação não cotidiana), configura o pedagogo como refém da falta de conhecimento ou da omissão e se torna indiferente. Nesse contexto, o pedagogo deve ser agente de mudança e contribuir para a promoção e o crescimento dos sujeitos na cotidianidade a partir do que não é cotidiano, caso contrário, ele se sujeita à cotidianidade da escola em todas as esferas e seus imperativos. Assim, não é a escola a

serviço dos sujeitos, mas os sujeitos a serviço da escola, como se eles existissem por causa da escola, de sua organização, e não, a escola por causa dos sujeitos.

De longa data, o pedagogo, no âmbito educacional, por sua formação, poderia ser visto na escola como o profissional dos profissionais. Não o mais importante, mas aquele que teve acesso a um conhecimento teórico mais abrangente sobre a formação humana. O pressuposto é baseado na formação em Pedagogia, considerada uma área de estudo sobre educação em amplo aspecto. A Resolução do Conselho Nacional de Educação – Conselho Pleno nº. 1, de 15 de maio de 2006,

[...] estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia. Conforme o art. 2º, o Curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação inicial para o exercício da docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, nos cursos de ensino médio, na modalidade normal, e em cursos de educação profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, 2012, p. 276)

Nesse mesmo documento, sobre a formação do pedagogo, consta que

[...] a formação de profissionais para a educação básica, nas áreas de administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional – os chamados especialistas - deve realizar-se em cursos de graduação plena em Pedagogia ou em nível de pós-graduação, sendo garantida, nessa formação, a base nacional comum. (LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, 2012, p. 277)

Mas, se a competência que se presume efetivamente não se solidifica, e as concepções teóricas são superficialmente apropriadas, o pedagogo, ao se inserir no contexto educativo, curva-se aos preceitos já estipulados pelo cotidiano e age, espontânea e intuitivamente, baseado nas próprias suposições, demonstrando insegurança e falta de clareza sobre sua função, o que poderá torná-lo executor de multitarefas alheias a sua formação. A ação educativa deve ter como apoio o conhecimento profissional do pedagogo adquirido na formação acadêmica e aperfeiçoado pelo conhecimento tácito, numa relação de interdependência e de superação.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a apropriação das objetivações genéricas, o homem insere-se nos diferentes contextos da realidade. A categoria cotidianidade sintetiza o processo de humanização

dos sujeitos na medida em que eles produzem sua existência material e intelectual por meio das relações sociais e com a natureza. Diferentemente dos animais, o homem tem o controle de sua evolução sem que se restrinja aos limites da instintividade biológica. Assim, podemos compreender que a evolução intelectual dos sujeitos está relacionada aos parâmetros do não cotidiano na cotidianidade. Se considerarmos que a vida cotidiana é a vida de todo homem, que não há vida fora da cotidianidade, o não cotidiano depende, em grande medida, de suas decisões e escolhas ao longo do processo de desenvolvimento e evolução.

Nessa direção, entendemos que, ao viver na cotidianidade, o pedagogo poderá ser agente de mudança na não cotidianidade, ou seja, poderá intervir provocando, instigando a mudança como mediador entre o cotidiano e o não cotidiano no processo educativo. O conhecimento teórico, como instrumento de concepção sobre o mundo e o homem, é o subsídio para o processo de reflexão e tomada de decisão do pedagogo em sua ação mediadora entre a aplicação do conhecimento tácito no cotidiano e o não cotidiano pela ação de caráter científico.

Vale lembrar a alienação produzida pelo cotidiano e que sua superação depende das ações não cotidianas, ou seja, a passagem do estado do indivíduo em-si para o estado de indivíduo para-si, uma relação consciente com o mundo e com ele mesmo. O pedagogo deve ser desperto, superar a inércia diante dos desafios do cotidiano, militando pela renovação de suas concepções como instrumento de inovação e de mudança significativas na educação.

As considerações aqui apresentadas não são conclusivas, uma vez que este é um estudo introdutório de uma dissertação de Mestrado em andamento, cuja temática em questão trata da ação do pedagogo na esfera da cotidianidade.

ABSTRACT

The objective of this study is to consider the pedagogues' daily actions as a category of totality made up by social relations and the appropriation of the important human-generic objectifications essential to human life. It reflects on the limits imposed by the quotidian in which one visualizes the possibilities for action of the subjects in the terrain of opposition to the imperatives of the quotidian based on a perspective of change and revolution proposed by the subjects' rising awareness whose intention achieves transformation, by breaking with daily actions, which merely reflect reproduction and alienation. This study is essentially bibliographic. Its theoretical findings constitute an introductory essay to the research developed for a Master's Degree in Education on the action of the pedagogue in daily life.

Keywords: Education. Knowledge. Quotidian. Alienation.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. C. B. NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COSTA, M. C. V. Implicações das categorias marxistas de práxis, cotidianidade e totalidade para a prática pedagógica. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, 139-150, jan.-jun., 1990.

DUARTE, N. **Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vigotski**. Campinas: Autores Associados, 2007.

DUARTE, N. SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LIBÂNEO, J. C. OLIVEIRA, J. F. TOSCHI, M. S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Cortez, 2012.

PENIN, S. **Cotidiano e escola: a obra em construção**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Projeto Político-pedagógico da Escola: uma construção possível**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1996.